

TRABALHOS DE PESQUISAS

SEXUALIDADE DE MULHERES RECLUSAS: A CONSTRUÇÃO DA AUTOESTIMA ATRAVÉS DA LUDICIDADE

Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes¹; Claudia Regina Vaz Torres²

WOMAN'S SEXUALITY IN RECLUSION: THE RESCUE OF SELF-ESTEEM THROUGH PLAY ACTIVITIES

Resumo: O sistema prisional brasileiro, tradicionalmente estruturado para atender o universo masculino, imprime marcas indelévels na sexualidade de mulheres em reclusão, refletindo na autoestima e ressignificação de suas identidades. Partindo desses pressupostos, o trabalho objetivou analisar expressões e vivências da sexualidade de mulheres que estão cumprindo Medida de Segurança, a partir do uso da ludicidade que permite a pessoa expressar-se, desbloquear resistências, perceber os “nós” que se constituem em obstáculos que acorrentam e marcam a subjetividade feminina. Foram utilizados como aporte teórico os estudos de Bourdieu e Foucault sobre poder e dominação, de Vygotsky sobre a psicologia histórico-cultural, de Paulo Freire sobre a educação como prática social e histórica e de Paulo Amarante sobre saúde mental. Como procedimentos de pesquisa foram realizadas cinco oficinas lúdicas com doze mulheres (voluntárias) no período de um mês, em que os diálogos entre profissionais, estudantes e técnicos da unidade mediarão os depoimentos sobre as expressões da sexualidade vividas, negadas ou distorcidas, bem como os reflexos dessas vivências na autoestima e identidades das mulheres participantes. Um dos resultados mais evidentes foi ter conseguido a adesão e a participação efetiva de dez mulheres em cada oficina, ocorrência pouco frequente quando se trata de procedimentos alternativos no cotidiano de uma unidade prisional. Os principais temas discutidos foram: (re)construção de identidades, preconceitos, privações, sensualidade, erotismo e amor. Com base nas oficinas que valorizaram a expressão do lúdico, o fazer criativo e a autonomia, depreendemos que muito mais que propor atividades, foi importante a constituição de um espaço para escutá-las sobre o que gostariam de fazer. Abrir um espaço para experimentar sensações, criar, formar laços estimulou a manifestação das potencialidades, da comunicação e da autonomia. A participação das mulheres nas oficinas propiciou momentos de imersão na problemática em que vivem, permitindo destacar as produções de sentidos e sentimentos distantes do crime, da vivência carcerária, do abandono e da privação e do resgate da autoestima de mulheres reclusas.

Palavras-chave: sexualidade; educação; mulheres reclusas; ludicidade

Abstract: The Brazilian prison system, traditionally structured to fit on male universe, results indelible marks on sexuality of sentenced women. Concerning about these assumptions, this research proposed to analyze experiences related to sexuality of incarcerated women using playfulness. These activities allowed them to express their selves, knock out resistances and realize “nodes” that constitute obstacles that define female subjectivity. The approaching is theoretically supported by Bourdieu, Vygotsky, education like as a social and historical practice, cultural and historic psychology and Paulo Amarante on mental health. As research procedures, five playful workshops with twelve volunteer women were accomplished in a month. During this period, dialogues between professionals, students and unit technicians mediated testimonials about expressions of experienced, denied or distorted sexuality, as well as reflections of these experiences on self-esteem and identities of participating women. It was valuable to register the adhesion and effective participation of ten women in each workshop, which is an infrequent occurrence when it is related to alternative procedures in daily life of a prison unit. The main topics discussed were:

¹Doutora em educação. Professora aposentada da Universidade Federal da Bahia (UFB). Delegada da SBRASH. E-mail: tcrispf@uol.com.br

²Doutora em educação. Professora da Universidade do Estado da Bahia e da Universidade de Salvador. Pesquisadora do grupo Recôncavo / Uneb e do FORMAGEL / Unifacs. Psicóloga do Hospital de Custódia e Tratamento. E-mail: vaztorres@gmail.com

(re) construction of identities, prejudice, deprivation, sensuality, eroticism and love. Based on workshops that valued the playful expression, creative doing and autonomy, we infer that much to propose activities, the creation of a space to listen to them about what they wanted to do was important. Open a space to experience sensations, create, form bonds stimulated the expression of potential, communication and autonomy. Women's participation in workshops led immersion times in the issue in which they live, allowing highlight the production of meanings and distant feelings of crime, prison experience, abandonment and deprivation and rescue the self-esteem of women prisoners. Based on workshops that valued the playful expression, creative doing and autonomy, we infer that much to propose activities, the creation of a space to listen to them about what they wanted to do was important. Open a space to experience sensations, create, form bonds stimulated the expression of potential, communication and autonomy. Women's participation in workshops led immersion times in the issue in which they live, allowing highlight the production of meanings and feelings away from crime, prison experience, abandonment, deprivation and redemption of women prisoners self-esteem.

Keywords: sexuality; education; sentenced women; playfulness

Introdução

O sistema prisional brasileiro, tradicionalmente estruturado para atender o universo masculino, imprime marcas indelévels na sexualidade de mulheres em reclusão, refletindo na autoestima e ressignificação de suas identidades.

A sexualidade, conceito complexo e controvertido, alvo de distorções e repressões, constitui-se em um dispositivo social estratégico que tem como principais efeitos o poder e a produção de verdade sobre os sujeitos. A sexualidade envolve identidades, gênero, papel social, orientação sexual, prazer, desejo, valores e comportamentos.

No sistema prisional a sexualidade é um aspecto importante nas políticas de saúde, está inserida na proposta de atenção integral a saúde da mulher, porém não é compreendida no campo da subjetividade, apenas na sua dimensão reprodutiva/biológica. Para as mulheres reclusas, a sexualidade é sinônimo de ato sexual, não envolve a afetividade, a relação com o corpo, com o desejo e consigo mesma. As práticas homossexuais representam possibilidades de enfrentamento diante da ausência de apoio e privação de contatos. A relação com outra mulher é um modo de preservar os fetos, de ter segurança e cuidado. Na percepção da mulher reclusa, o sexo é um modo de obter prazer e proteção.

Partindo desses pressupostos, o trabalho objetivou analisar expressões e vivências da sexualidade de mulheres que estão cumprindo pena, a partir do uso da ludicidade que permite à pessoa expressar-se, desbloquear resistências,

perceber os "nós" que se constituem em obstáculos que acorrentam e marcam a subjetividade feminina.

Foram utilizados como aporte teórico os estudos de Bourdieu e Foucault sobre poder e dominação, de Vygotsky sobre a psicologia histórico-cultural, de Paulo Freire sobre a educação como prática social e histórica, e de Paulo Amarante sobre saúde mental.

O poder está em toda parte, teoriza Pierre Bourdieu (1989, p.7-8), tanto o poder explícito como o poder simbólico que em sua concepção consiste no "[...] poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem".

Trata-se de um poder que emerge em todas as relações humanas, especialmente se consideramos as relações entre as pessoas que se encontram privadas de liberdade. O poder simbólico integra os sistemas simbólicos, instrumentos de comunicação e de conhecimento como a linguagem, a arte e a religião.

[...] cumprem a sua função de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço de sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim [...] para a 'domesticação dos dominados' (BOURDIEU, 1989, p. 8)

No sistema prisional temos o poder simbólico que envolve submissão, domesticação de um sobre o outro de maneira legitimada.

Complementando Bourdieu, Foucault (1979) explica que o poder disciplinar não é um aparelho, nem uma instituição, na medida em que funciona como uma rede. É uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento que trabalha o corpo do ser humano, manipulando e produzindo comportamentos. Foucault (1985) aprofunda as análises ao dizer que não é o poder que existe, mas sim as práticas sociais das quais insurgem as relações de poder. As prisões, locus marcantes das relações de poder, para Foucault deviam ser instrumentos extremamente aperfeiçoados como as escolas, as casernas e os hospitais, e agirem com precisão sobre os indivíduos, contudo, desde o final do século XIX “[...] se constata que a prisão, longe de transformar criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los cada vez mais na criminalidade” (FOUCAULT, 1985, p. 131-132).

Não pensamos assim. Se aceitarmos essa condição de perpetuação do crime deixamos de educar em busca de uma resignificação de suas identidades e no sentido de libertá-las da situação de privação da liberdade em que vivem.

Como analisa Paulo Freire (1996a, 1996b) ao defender que as pessoas não sobrevivem socialmente sem o cotidiano das relações sociais, por um longo e complexo processo educativo, esse grande educador defende que cabe aos educadores provocarem situações em que todos, tendo como base o diálogo, aprendam em comunhão, aprendam sobre o mundo, com o mundo e no mundo.

Para Paulo Freire, as práticas educativas, longe de serem naturais ou neutras, constituem-se em ato político que resultam em uma relação de domínio ou de libertação entre as pessoas. Também segundo ele, antes de ensinar uma pessoa a ler as palavras, precisamos ensiná-las a ler o mundo (FREIRE, 1996a).

A oportunidade de expressar sentimentos, conflitos, desejos e expectativas frente à situação que vivem e a que lhes espera ao deixar a reclusão, durante as oficinas, são exemplo de leitura de mundo que conduz ao empoderamento.

Sobre empoderamento, retomamos Bourdieu (1989), para quem a história deve se preocupar em entender, entre outros aspectos, porque e como se compreende a configuração das relações de poder. Assim como a sociedade na qual se insere, o sistema prisional é um campo de poder (da classe dominante). Entendendo campo como um espaço socialmente estruturado, depreende-se que seus limites são determinados em cada situação.

A educação não formal que perpassa todos

os processos que ocorrem no sistema prisional tem por objetivo formar hábitos de conduta e modos de ser mais adaptados às normas sociais vigentes, para isso, há um investimento na disciplina dos corpos por mecanismos que envolvem sujeição às regras, códigos da vida carcerária e punição como consequência do não cumprimento (FOUCAULT, 1987).

Para compreender a sexualidade das mulheres no sistema prisional é importante analisar o contexto social, ou seja, não se pode descolar os comportamentos das depoentes sem articulá-los com sua história individual/social. Sobre isso, Vygotsky (1998) enfatizou o permanente estado de movimento e mudança dos processos psicológicos que estão na dependência do domínio dos meios culturais externos ou pela via do aperfeiçoamento interno das próprias funções psicológicas, como a atenção voluntária, memória, pensamento abstrato, entre outros. Ao adotar essa perspectiva, Vygotsky evidenciou uma atenção constante aos movimentos da história social e individual para compreender os sujeitos.

No contexto do hospital de custódia e tratamento, é preciso problematizar no cotidiano das internas o conceito de periculosidade, que produz estigmas, segregação e dificuldades no retorno à vida social, à medida que concilia loucura e crime e direciona para o afastamento das referências pessoais e culturais para oferecer tratamento e, assim, proteger a sociedade do convívio com o louco infrator.

O modelo asilar-carcerário é para quem é declarado como inimputável do ponto de vista jurídico, sendo julgado como incapaz de controlar as ações e, portanto, representa um risco à sociedade. A periculosidade sustenta a internação, o afastamento, a posterior, invisibilidade social e perda das identidades que se mantém na vida livre.

Torre e Amarante (2001) analisam as transformações que tem ocorrido no Brasil, no campo da saúde mental com a percepção do louco como ator social, como sujeito político. Nesse sentido, temos à ampliação do conceito de “reforma psiquiátrica” que evidencia mudanças administrativas, técnicas dos serviços e que não se limita a reforma da assistência psiquiátrica, implica em potencializar a loucura como diferença, como um modo diferente de relação com o mundo.

Da compreensão do hospital como lugar de tratamento, disciplina e institucionalização para a reeducação do louco, é preciso usar o saber da psicologia, da psiquiatria, da assistência social, da enfermagem, entre outros como possibilidade de

criação de subjetividades e tomada de sentido sobre a própria existência. É preciso construir possibilidades de aproximação do louco com a cultura, com o social, com as práticas cidadãs, para propiciar a construção de um sentido sobre si.

A criação de novas relações com a loucura envolve o contato com o social, com a cultura para que ocorra a desmontagem dos dispositivos da clínica e da psiquiatria. Desse modo, é preciso criticar o lugar do paciente como objeto, alienado, dependente dentro do espaço intramuros. Amarante (2007) aponta que a produção de um usuário de saúde mental, protagonista e sujeito político requer a saída da condição de institucionalização.

No trabalho em saúde mental, até mesmo em condições de institucionalização, é preciso construir com os usuários as perspectivas de futuro

[...] no momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontra, sua percepção muda, embora isso não signifique, ainda, a mudança da estrutura. Mas a mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórico-cultural humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles (FREIRE, 1983, p.50).

Como analisa o autor, a percepção de cada um sobre a sua realidade pode produzir mudanças na relação do sujeito com o mundo e com sua própria existência.

O estudo

Realizado no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Salvador-Bahia-Brasil que, em 2015, contava com uma população de cento e cinquenta e nove (159) internos, realizamos esta pesquisa-ação. Desses internos, apenas doze (12) eram mulheres, cinquenta e cinco (55) cumpriam Medida de Segurança e os demais estavam internados por terem sido encaminhados para o hospital para Exame de Sanidade Mental (incidentes de insanidade mental).

As equipes de saúde do sistema penitenciário atuam na relação entre a dimensão clínica, social e jurídica, interferem no cotidiano da assistência ao paciente, através de ações intersetorialmente articuladas que visam reduzir os agravos e danos provocados pelas condições de confinamento, como também promover a aproximação com os(as) internos(as) a partir de temas/atividades que

despertem interesses. Desta forma, cada profissional na sua área de competência, constrói com as internas e internos possibilidades de permanência na unidade e projetos de convivência social. Nesse contexto, a construção de espaços de atenção à pessoa que cumpre Medida de Segurança, como oficinas, atividades terapêuticas, saídas assistidas entre outros, ganha relevância no momento atual, quando os profissionais de saúde que compõem a equipe do programa de saúde nas unidades prisionais precisam desenvolver trabalhos que reforcem a identidade e fortaleçam a autoestima das mulheres custodiadas; momento em que é preciso adequar os atendimentos da unidade ao que propõe o Plano Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário (BRASIL, 2004).

Entendemos com este estudo, que dá continuidade ao envolvimento que temos tanto conceitual quanto profissional, que o trabalho com pacientes (usuárias) do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Salvador-Bahia-Brasil envolvendo conversa informal, notícias sobre os contatos com a família, leitura e a realização de oficinas, construção de textos, desenhos, confecção de bijuterias e outros objetos, conduzem ao estabelecimento de uma relação com o passado, entendimento das subjetividades delirantes, das interações no contexto prisional, do modo como são interpretadas essas interações e aumentam a confiança nas técnicas (psicólogas) da unidade. Essa metodologia oportunizou o diálogo, proporcionando que as internas falassem de si, das expectativas fora do cárcere, dos sentidos e significados sobre "ser mulher", das suas identidades, com possibilidades de se reorientarem na relação com a lei.

Como procedimentos da pesquisa, foram realizadas cinco oficinas lúdicas com doze mulheres (voluntárias) no período de um mês, em que os diálogos entre profissionais, estudantes e técnicos da unidade mediaram os depoimentos sobre as expressões da sexualidade vividas, negadas ou distorcidas, bem como os reflexos dessas vivências na autoestima e identidades das mulheres participantes.

Para a organização dos participantes de cada oficina, o convite foi feito a todas as internas, contando com as agentes penitenciárias para realizar as atividades, e com os técnicos de referência das alas da unidade, que indicavam as pacientes que deveriam ser incluídas nas oficinas.

Reafirmando o que analisamos em outro artigo:

As oficinas servem para diagnosticar a prática – o que as pessoas pensam, o que sen-

tem, o que vivem, o que desejam... servem para desenvolver um caminho de teorização sobre essa prática como processo sistemático, ordenado e progressivo e para retornar a prática, transformá-la, redimensioná-la. Também visam a inclusão de novos elementos que permitem explicar e entender os processos vividos pelas pessoas que delas participam. (FAGUNDES; BARBOSA, 2007. p. 17)

Para o desenvolvimento das oficinas que ocorreram de modo quinzenal, buscou-se uma construção coletiva. Ao final de cada oficina, de maneira breve, foi avaliado o trabalho e os registros sobre a participação de cada uma das internas foi feito em seus prontuários. No hospital psiquiátrico é importante considerar o tempo de cada grupo, em razão da rotatividade dos pacientes pelas admissões e alta. Tendemos ainda a minimizar o conflito, destacando o apoio/suporte emocional e direcionamentos; focamos nas relações na Ala da unidade prisional em que residem as internas e nos projetos de vida após a alta, entre outros.

As oficinas realizadas abordaram temas relacionados à sexualidade e identidade feminina¹:

Oficina I

Tema: **Identidade e autoestima**

Objetivo:

Definir identidades e autoestima;

Discutir sobre as identidades e fortalecer a autoestima

Desenvolvimento:

Após a apresentação do objetivo do trabalho e um breve acordo verbal com combinações quanto ao tempo, lugar, periodicidade e participação, foi solicitado que as participantes apresentassem o próprio nome e falassem sobre onde moravam, família etc. Em uma folha em branco deveriam escrever o nome e fazer um desenho que se relacionasse com o nome, com o lugar de origem ou com a família.

Resultados/registros:

Participaram nove internas, quatro delas mais ativamente. Apresentaram-se e incentivaram as demais a participar. Uma delas perguntou sobre a sua situação jurídica, questão que sempre emerge nos grupos e atendimentos individuais. Fizeram desenhos e contaram sobre a escolha dos nomes. Resgataram lembranças da família e do local onde moram, pois toda a passagem pelo internamento

não implica em nova moradia, mesmo que a reclusão dure muitos anos.

Análises:

A identidade de mulher que é mãe é valorizada por elas. Por ser mãe, veem-se como vítimas de um sistema que as afasta da vida familiar. O crime cometido não é destacado, não é discutido, não é avaliado por elas. Como são inimputáveis (não podem ser responsabilizadas pelo crime que cometeram), percebem o afastamento da comunidade, do parceiro, da vida familiar como uma punição do juiz. Desse modo, valorizam a liberdade para voltar à vida familiar. Destacam a família, quando não tem filhos enaltecem a figura da genitora, porém os históricos nos prontuários evidenciam que já havia sérios conflitos familiares, agressões e até mesmo ruptura dos vínculos.

Oficinas 2 e 3

Tema: **Ser mulher – conceitos e preconceitos, privações**

Objetivos:

Analisar e discutir as diferenças entre ser mulher e homem.

Reestruturar conceitos e preconceitos sobre o significado de ser mulher.

Analisar a problemática dos preconceitos e privações associados à identidade feminina.

Desenvolvimento:

Retomamos a formação do grupo, com o objetivo do trabalho e os acordos verbais. Em seguida, iniciamos com as questões:

O que é ser mulher? O que acham?

Quais são as diferenças entre ser homem e ser mulher?

Resultados/registros:

De modo repentino, questionaram sobre a pergunta e foram se manifestando com expressões tais como: "Ser mulher?... Sofre mais". "Ser mulher é bom... precisa dos filhos"; "Melhor ser mulher que homem"; "Mulher gosta de se enfeitar, é vaidosa". As participantes do dia interagiram, dinamizaram o encontro satisfatoriamente, comentando sobre a associação da mulher à beleza, aos filhos, ao companheiro etc.

Análises:

A divisão entre os sexos é incorporada e funciona como um princípio universal que regula a percepção, o pensamento e as ações das internas. Ser mulher é um constructo associado a sofrimento

¹Ressaltamos que a realização das oficinas na unidade prisional foi feita por apenas uma das autoras deste trabalho (Torres), que atua como psicóloga do grupo, assegurando a não artificialização do processo de desenvolvimento das ações educativas.

constante, porém há gratificações como os filhos, o cuidado consigo mesma, a vaidade, a beleza etc. Compreendemos que é no interior dos processos e estruturas psíquicas inconscientes que esses traços são internalizados, reelaborados, ressignificados e transformados em valores e atitudes.

Oficina 4

Tema: Identidade feminina. Sensualidade, Erotismo e Amor.

Objetivos:

Discutir sobre a identidade feminina, identificando dimensões da sensualidade e do erotismo.

Confeccionar bijuterias e outros adereços que evidenciem a beleza e sensualidade femininas.

Desenvolvimento:

No grupo lembramos o objetivo, o tema discutido na oficina anterior sobre a relação entre mulher e beleza e o trabalho que desenvolveríamos: confecção de bijuterias e outros adereços.

Resultados/registros:

Participaram ativamente da oficina, escolhendo as miçangas e sugerindo os adereços que poderiam ser feitos. Fizeram colares e pulseiras com o apoio das psicólogas e uma estagiária. Durante a oficina, os diálogos emergiram:

“Eu quero uma pulseira, um colar, pode me dar esse? Esse também? E esse?”; “Não posso te dar tudo. E as outras? Como ficam?”; (silêncio) “E esse pode?”; “Sim, esse eu posso, mas quero que faça um também. Sabe fazer?”; “Não, eu não sei fazer nada”; “Como não sabe! Veja como fulana faz” (Observa).

(Seleciono o material, inicio a confecção da pulseira com ela. Finaliza a oficina com duas pulseiras e um colar).

Sugiram mais registros das falas: “Mulher gosta disso, ficar mais bonita”; “Mulher é diferente de homem. Homem não liga para isso. Mulher não.”



As atividades realizadas na oficina apresentaram um caráter lúdico, possibilitando vivências plenas nem sempre divertidas, que ampliam os laços sociais e asseguram a produção e expressão de si. Do mesmo modo, o compartilhamento de sentimentos de algumas pacientes, as manifestações de apoio das demais e outros sinais sugestivos de concordância com o que era verbalizado, sugerem identificações com o sofrimento do outro e oferecimento de apoio.

Como analisa Luckesi (1998, p. 21-22)

O que mais caracteriza a ludicidade é a experiência de plenitude que ela possibilita a quem a vivencia em seus atos. A experiência pessoal de cada um de nós pode ser um bom exemplo de como ela pode ser plena quando a vivenciamos com ludicidade. [...] Dançar com a entrega da totalidade do nosso ser, sem pensamentos críticos, sem julgamentos, conduz à uma plenitude, a um prazer expandido sem limites. É claro, é preciso se dispor a sentir esse prazer. Mas, também, vivenciar uma boa conversa, sem barreiras e sem os trejeitos dos nossos preconceitos, possibilita um bem-estar pleno. Produzir um bom texto, com tudo o que ele tem de direito, de metáforas, de alegorias, poesia, argumentação clara etc..., dá ao seu autor um prazer muito grande, na medida em que vivencia a completude de sua obra. Produzir uma tela através da magia da pintura dá plenitude a quem pinta com prazer. Brincar dá prazer a quem dispõe a vivenciar essa experiência.

Nesse sentido as oficinas propiciaram a expressão de sentimentos, conflitos, expectativas para a vida após o cumprimento da Medida de Segurança e, de certa forma, a superação de circunstâncias negativas que imprimem marcas em suas vidas.

Resultados

Um dos efeitos mais evidentes foi ter conseguido a adesão e a participação efetiva das mulheres em cada oficina, ocorrência pouco frequente quando se trata de procedimentos alternativos no cotidiano de uma unidade prisional.

As oficinas expressivas partiram de temáticas que motivaram as internas e utilizaram técnicas diversas construídas a partir de ações educativas lúdicas, como oficinas de pintura, bijuterias, leitura e bordado. O papel atribuído ao lúdico nas práticas dos diversos profissio-

nais que trabalham no hospital é diminuto em razão da ausência de material para realização das oficinas e da pouca compreensão da ludicidade como dimensão facilitadora de expressão de subjetividades, integração e construção de conhecimentos.

Entretanto, as oficinas de pintura, bijuterias, leitura e bordado realizadas com as internas configuraram-se ações educativas lúdicas que possibilitaram o alcance do objetivo de discutir e analisar expressões da sexualidade e buscar (re)significar as suas identidades.

O tema violência sexual e de gênero, uma constante nas conversas informais que as reclusas mantêm umas com as outras e entre elas e a equipe técnica do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico, não foi escolhido para ampliar o entendimento através de uma oficina, como pensamos anteriormente, por ser um tema gerador de conflitos que, no momento, não se mostrou condizente com a dinâmica cotidiana do grupo.

As ações em saúde mental no HCTP devem ser desenvolvidas com muito planejamento e atenção às singularidades, uma vez que é preciso desconstruir a crença na periculosidade e romper com os sentimentos e percepções das pacientes em relação às dificuldades de convivência e a crença na segregação, isolamento e tratamento em hospital como condição única para quem comete crimes e apresenta um transtorno mental.

Com base nas oficinas que valorizaram a expressão do lúdico, o fazer criativo e a autonomia, depreendemos que muito mais que propor atividades, foi importante a constituição de um espaço para escutá-las sobre o que gostariam de fazer. Abrir um espaço para experimentar sensações, criar, formar laços, estimulou a manifestação das potencialidades, da comunicação e da autonomia.

Durante as discussões sobre a proposta do trabalho, surgiram comentários dos quais escolhemos alguns que dão conta do recorte que converge para nossa proposta de análise, tais como:

[...] “se é só para falar não quero. Pode fazer algo, como foi daquela vez que fizemos uma caixa” (caixa feita de origami).

[...] “olhe, dá problema essa oficina de artes, porque elas (as internas) começam a achar que eu quero ser melhor que elas. Se tiver arte, eu não vou.”

[...] “sobre sexualidade, eu não quero [...] já sei tudo. Bobagem”.

Emergiram essas crenças de que sabem tudo sobre sexualidade e de não se expor em grupo, todavia, a maioria se mostrou interessada pela proposta e aderiu à realização das ações educativas.

Nas oficinas, que ocorreram sem regularidade semanal, foram levadas em consideração as diferentes compreensões das pacientes sobre o que foi solicitado, os ritmos de aprendizagem, os processos de escolarização, a dinâmica da personalidade, a condição clínica, as vivências e experiências de cada um dos participantes. Predominou nas oficinas o relacionamento distanciado, mas respeitoso entre as participantes e uma proximidade afetiva entre psicólogas e pacientes.

O registro das principais discussões geradas em cada oficina foi feito logo após a sua realização, assegurando uma maior reflexão sobre o seu significado e efeitos para as participantes.

As internas evidenciaram muitos conflitos entre si: têm desavenças, brigam pelos objetos que possuem, pelo apoio ou não dos familiares. Os ciúmes e intrigas são constantes. Era preciso ter cuidado para dosar a atenção a uma ou outra interna e para não permitir que aquela privilegiada no grupo ficasse em situação de vulnerabilidade diante das demais, após a finalização do trabalho e a saída das profissionais de saúde da ala. “As oficinas criam oportunidades para que as pessoas reflitam sobre suas ideias, sentimentos e conflitos na área da sexualidade e envolvam a totalidade do seu ser na reinterpretação e reconstrução da realidade” (FAGUNDES; BARBOSA, 2007, p. 16).

Duas internas que haviam tido sérios conflitos, inclusive com agressões físicas, participavam alternadamente das oficinas. Uma delas, quando participou, lembrou da outra que não estava presente e se expressou:

[...] “ô fulana, faça uma pulseira para [desafeto] que ela não tá aqui, não quis vir.”

Depreendemos dessa fala que as instâncias de poder se fazem presentes no cotidiano do sistema prisional. As mulheres desenvolvem um sentido pessoal, compreendem as coisas que estão ao seu redor e compreendem sobre si mesmas através de marcas e sinalizações das diferenças. Ao solicitar a confecção da pulseira

para a interna com quem ela tem atrito, evidencia-se a sua liderança no grupo e para as profissionais que estão desenvolvendo a oficina, pode parecer que há um cuidado, uma preocupação com a ausente, quando o sentimento é outro.

Lembramos também Vigotski (1998) para quem é na interação com o outro que desde a infância vão sendo construídos e reconstruídos os sistemas de valores, significados, conhecimentos, opiniões, concepções e perspectivas de vida.

No hospital-prisão existem regras criadas por elas próprias que asseguram a convivência no mesmo espaço, então, embora explicita que a outra interna deveria ter uma pulseira confeccionada na oficina, não queria a presença dela no mesmo momento em que participava. Expressar-se dessa forma, para a interna, pode simbolizar e evidenciar para as profissionais de saúde que ela tem preocupação com a colega que não estava na oficina, mesmo com todas as brigas que tinham ocorrido anteriormente.

É proposta dar continuidade ao processo iniciado com as oficinas sistematizando normas, fluxos e protocolos, com vistas à desinstitucionalização e potencialização dos processos de atendimento psicossocial às mulheres custodiadas na unidade.

Como analisa Amarante (2007), na saúde mental, a dimensão sociocultural é de grande importância para quem vive a experiência do sofrimento psíquico, da medicalização, do estigma e do afastamento de todas as referências que tinha na vida livre. A convivência com as diferenças na diversidade de culturas e identidades proporcionará o empoderamento e construção de lugares distante do modelo asilar.

Considerações finais

A heterogeneidade das condições subjetivas das participantes das oficinas, a dificuldade de diálogo entre usuárias de saúde mental, interesses diversos e os efeitos da medicação psiquiátrica foram considerados no planejamento e execução das ações.

A realização deste estudo reforça o entendimento de que essas ações precisam ser articuladas com a rede de serviço da região, envolvendo ações intersetoriais com educação, trabalho, lazer. As ações devem obedecer ao modelo de redes de cuidado de base territorial e buscar o estabelecimento de vínculos e o

acolhimento, de acordo com a fundamentação dos princípios do Sistema Único de Saúde e da Reforma Psiquiátrica (noção de território, intersectorialidade, reabilitação psicossocial, desinstitucionalização, construção da autonomia de usuários e familiares etc.).

Quanto ao impacto dessas oficinas, avaliamos positivamente o desenvolvimento da execução das atividades por meio da análise do relato de cada oficina e apreciação das expectativas e percepções de cada participante em relação ao processo vivenciado, frequência e permanência nas oficinas propostas, depreendendo que o lúdico envolve plenitude do ser, entrega, mas nem sempre o prazer. Por outro lado, a participação das mulheres nas oficinas e seus depoimentos evidenciaram que o uso da ludicidade como mediadora das discussões em grupo facilitou as expressões, propiciou momentos de imersão na problemática em que vivem, permitindo destacar as produções de sentidos e sentimentos distantes do crime, da vivência carcerária, do abandono e da privação e do resgate da autoestima de mulheres reclusas.

Referências

AMARANTE, Paulo. *Saúde mental e atenção psicossocial*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel / Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1989.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, jul-dez. 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1999.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Plano nacional de saúde no sistema penitenciário*. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_pnssp.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.

FAGUNDES, Tereza Cristina; P. C.; BARBOSA, Maria Paqueta M. *Oficinas sobre sexualidade e gênero*. Salvador: Helvécia. 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Grall, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel.. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra. 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra. 1996a.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra. 1996b.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade. *Cadernos de Pesquisa*, Núcleo de Filosofia e História da Educação. Salvador, UFBA / FAGED / PPG. v. 2, n. 1. p. 9-25, 1988.

TORRE, Eduardo, AMARANTE, Paulo. *Protagonismo e subjetividade: a construção coletiva no campo da saúde mental*. Disponível em <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/pdf?1174221131>>. Acesso em 12 de agosto de 2016.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.